

# O GOLPE DEU CERTO

O golpe de Estado de 1964 foi vitorioso em mais de um sentido. De imediato ele destituiu o governo de João Goulart (Jango), barrou as chamadas “reformas de base”, reprimiu e desarticulou o movimento popular e democrático, deflagrou um processo de rápida acumulação do capital. Instituiu o mais longo regime ditatorial da história brasileira. Abriu caminho à supremacia do capital financeiro e ao advento do neoliberalismo nas suas diferentes facetas.

A Ditadura Militar chegou a 1985 enfraquecida, porém com força suficiente para ditar os termos do processo de transição para um regime civil dotado de certas liberdades democráticas. Preservou-se a impunidade dos torturadores, já enxertada na Lei da Anistia de 1979. O golpe enquadrou o Brasil. Ainda hoje, nosso país não consegue livrar-se dos condicionantes impostos pelos generais ao final da Ditadura e, em seguida, na elaboração da Constituição de 1988. Temos uma caricatura de democracia, um simulacro de “estado de direito” que só se realiza, na sua inteireza, para a burguesia e demais contingentes brancos, bem postos e bem remunerados da população nacional.

A imensa desigualdade social é garantida por uma espécie de *apartheid*. Para dezenas de milhões de negros e negras, de trabalhadores e trabalhadoras pobres das periferias, de quilombolas e de indígenas, de posseiros e pequenos camponeses, o que vale, na real, é o Terrorismo de Estado, geralmente via Polícia Militar (PM), eventualmente pelas mãos de outras forças policiais ou das Forças Armadas.

Na atualidade as imagens de desaparecidos da Ditadura, como Heleny Guariba, Rubens Paiva e Stuart Angel, confundem-se com a do pedreiro Amarildo, torturado e assassinado numa “Unidade de Polícia Pacificadora” (*sic*) da PM-RJ em 2013 e cujo corpo jamais foi encontrado. Como ignorar os oitenta populares torturados e executados a céu aberto pela PM-SP na Baixada Santista (em 2023 e 2024), ou os milhares de jovens negros assassinados ao longo de anos pe-

la PM-BA? A imagem de Aurora Furtado mescla-se com a da jovem grávida Thainara, assassinada pela PM-MG quando tentava defender o irmão autista. Os governos de esquerda de Lula (2003-2010) e Dilma, não obstante relevantes realizações, não se mostraram dispostos a levar a cabo reformas estruturais capazes de superar o *apartheid* e pôr fim ao Terrorismo de Estado. No atual governo, Lula chegou a proibir atividades críticas relacionadas ao sexagésimo aniversário do golpe.

## “Remoendo o passado”

Nesta edição, reunimos contribuições instigantes sobre o golpe e seus reflexos, de autoria de Osvaldo Coggiola, Fernando Sarti Ferreira, Gabriel Souza Bastos e de Rodrigo Sarruge Molina, que mostra como a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) tornou-se a pia batismal do agronegócio no país. Outro texto descreve o lento processo de reparações simbólicas iniciado na USP, que recusa-se a extinguir o regimento disciplinar herdado da Ditadura. Nessa mesma seara, oferecemos ao leitor belíssimo artigo da cineasta Marta Nehring sobre seu pai, Norberto Nehring, professor da FEA assassinado por agentes de um centro de torturas que outro professor da FEA, Delfim Netto, ajudou a montar.

## Revista Adusp, 30 anos!

Neste 2024 nossa modesta publicação completa trinta anos de existência, fato certamente digno de comemoração. Podemos ser acusados de repetitivos, por insistir em temas como Ditadura Militar e privatização da USP, mas a realidade nos impele a tanto. Assim, decidimos incluir na presente edição um pequeno dossiê sobre a questão do “empreendedorismo” e da “inovação”. Por fim, uma novidade: a inquietante entrevista concedida pelo pesquisador uruguaio Eduardo Gudynas. Boa leitura!

*O Editor*